

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
ENSINO EM SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL

ANA CAROLINA SACCO
MARIA JOSÉ DE JESUS ALVES CORDEIRO

RELATÓRIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO:
DESENVOLVIMENTO DE OFICINAS PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM
SAÚDE NA ESCOLA

Dourados/MS

2018

**ANA CAROLINA SACCO
MARIA JOSÉ DE JESUS ALVES CORDEIRO**

**RELATÓRIO TÉCNICO-PEDAGÓGICO:
DESENVOLVIMENTO DE OFICINAS PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO EM
SAÚDE NA ESCOLA**

**Dourados/MS
2018**

S125r Sacco, Ana Carolina

Relatório técnico-pedagógico: desenvolvimento de oficinas para a promoção da educação em saúde na escola/
Ana Carolina Sacco, Maria de Jesus A. Cordeiro. – Dourados, MS: UEMS, 2018.

38p.; 30cm

ISBN: 978-85-7136-002-0

1. Educação em saúde 2. Formação de professores/as 3. Currículo I. Cordeiro, Maria José de Jesus A. II. Título

CDD 23. ed. - 372.37

AGRADECIMENTOS

Aos/às diretores/as e coordenadores/as pedagógicos/as, pelo acolhimento e por viabilizarem a realização da pesquisa nas instituições escolares estaduais envolvidas.

Às professoras que participaram das entrevistas realizadas no percurso do estudo, colaborando para a elaboração do roteiro das oficinas apresentadas nessa produção técnica.

Às professoras que estiveram presentes nas oficinas realizadas, as quais foram fundamentais para a confecção desse material, pois através das vivências e conhecimentos compartilhados, foi possível desenvolver as atividades educativas.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

FREIRE (1996, p. 25)

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

MS - Mato Grosso do Sul

OMS - Organização Mundial de Saúde

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPGES - Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Saúde

PSE - Programa Saúde na Escola

UBS - Unidade Básica de Saúde

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: PERSPECTIVAS E REALIDADES.....	12
1.1 Educação em saúde no contexto escolar brasileiro.....	12
1.2 O professor de Ciências e as questões de saúde na escola	13
1.3 Educação em saúde e cidadania.....	13
2 DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS.....	15
2. 1 Oficina I - Apresentando aspectos e elementos para incentivo de reflexão das práticas ..	16
2.2 Oficina II - Desenvolvendo caminhos para a transformação das práticas	21
2.3 Resultados das oficinas	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
ANEXOS	30
ANEXO A – Arco de Maguerez	31
ANEXO B – Letra da música “Sem Saúde” do cantor Gabriel O pensador	32
ANEXO C – Texto Adaptado	36

APRESENTAÇÃO

Este “Relatório técnico-pedagógico: desenvolvimento de oficinas para a promoção da educação em saúde na escola” é uma produção técnica elaborada e apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Saúde - Mestrado Profissional (PPGES), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Dourados, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Saúde, referente à dissertação “Professores/as de Ciências dos anos finais do ensino fundamental e as questões de saúde no currículo e na sala de aula”. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), conforme parecer consubstanciado de n. 1.727.933.

Esse material apresenta o desenvolvimento de oficinas educativas a professoras de Ciências dos anos finais do ensino fundamental, mediadas por enfermeira, com o propósito de contribuir com as práticas de educação em saúde nas escolas.

Com o intuito de manter esta produção técnica em um formato didático, além de demonstrar a realização dessas atividades educativas, o material engloba conteúdos que fundamentam o tema e justificam a relevância de sua elaboração, expõe o uso de recursos para potencializar o ensino em saúde, como os vídeos, as letras de música, entre outros, apresenta dinâmicas e atividades que podem ser adaptadas para serem empregadas nas aulas referentes às temáticas de saúde.

Durante a elaboração do roteiro das oficinas apresentadas neste relatório, não houve preocupação em abordar conhecimentos técnicos sobre temas relacionados à saúde, como por exemplo, conteúdos específicos, conceitos, entre outros. Buscou-se, entretanto, realizá-las a partir do desenvolvimento de atividades que possam auxiliar nas ações de ensino-aprendizagem da temática saúde, nas aulas de Ciências.

Embora esse material tenha sido elaborado a partir do desenvolvimento de oficinas educativas às professoras de Ciências dos anos finais do ensino fundamental, acredita-se que o mesmo apresenta um conteúdo de caráter interdisciplinar, o que favorece sua utilização por diversas áreas da educação e da saúde.

Dessa forma, esta produção técnica não apenas possibilita que os/as professores/as, das diversas disciplinas da educação básica, possam utilizá-la como um recurso nas práticas de ensino, em suas aulas, no contato direto com alunos/as, como também proporciona aos/às profissionais de saúde, um auxílio na realização de futuras atividades educativas, voltadas a professores/as. Assim, sugere-se que possa ser adaptado pelos/as profissionais que o utilizarão, conforme suas especificidades e disponibilidade.

Cabe ressaltar, entretanto, que esta proposta não deve ser utilizada de forma isolada ou como uma receita única, mas sim como um instrumento a ser associado a outras práticas para a promoção da educação em saúde no espaço escolar.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema “Educação em Saúde”, que culminou na construção desse material, surgiu ao refletir sobre o percurso histórico da educação em saúde no país e a corresponsabilidade no processo de educar em saúde, junto à escola, enquanto enfermeira.

Tais reflexões resultaram das discussões desenvolvidas em grupo multiprofissional, enquanto aluna especial da disciplina de Educação em Saúde, no Programa de Mestrado mencionado anteriormente, agregado à experiência docente no curso de Enfermagem da referida instituição, na qual, durante a supervisão de discentes, nas aulas práticas, em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), foi detectada a necessidade real de um ensino em saúde efetivo, desde a educação básica, para a promoção da saúde na população.

Essa experiência docente mostrou que, em certos casos, as doenças que afetaram determinados indivíduos poderiam ser prevenidas com a prática de ações cotidianas simples, como por exemplo: lavagem das mãos, higiene adequada de alimentos, do corpo, do ambiente, entre outros cuidados básicos em saúde.

Posteriormente, em leituras mais aprofundadas sobre o tema, foram feitas duas observações: em grande parte das vezes, as questões de saúde são abordadas pelos/as professores/as de Ciências/Biologia e que, além disso, há necessidade do/a profissional de saúde envolver-se como corresponsável nesse processo.

Assim, iniciou-se um estudo sobre a temática e, a partir dos resultados de entrevistas realizadas com professoras de Ciências dos anos finais do ensino fundamental, em três escolas da rede estadual de ensino, no município de Dourados– MS foram elaboradas atividades educativas, no formato de oficinas, e desenvolvidas como ferramentas de formação continuada a estes/as profissionais.

Com base nos dados obtidos nas entrevistas e, a partir da aplicação das oficinas, foi elaborada uma dissertação intitulada “Professores/as de Ciências dos anos finais do ensino fundamental e as questões de saúde no currículo e na sala de aula” e, como produção técnica relacionada à pesquisa, este relatório técnico-pedagógico, que demonstra o desenvolvimento das atividades educativas realizadas, para direcionar práticas de educação em saúde nas escolas.

Os termos saúde e educação estão diretamente relacionados às condições de vida, sendo que sua interação, seja no espaço escolar ou no serviço de saúde, torna-se imprescindível para a conquista da qualidade de vida. A temática da saúde na escola vem recebendo, atualmente, atenção especial de diversas organizações internacionais, como por

exemplo, a Organização Mundial da Saúde (OMS), o que confirma sua relevância em âmbito mundial (CARVALHO, 2015).

No entanto, verifica-se que a construção de práticas pedagógicas relacionadas a essa interação ainda se constitui como um desafio frente às demandas das escolas, o que pode comprometer a educação em saúde. Nesse sentido, Tavares e Rocha (2006) discutem a necessidade de desenvolver processos de aprendizagem permanentes para os atores envolvidos na educação em saúde, de forma que haja uma interação da escola com outros cenários, entre eles, os serviços de saúde.

Diante desse contexto, justifica-se a construção desse material, cujo objetivo é subsidiar práticas educativas de professores/as de Ciências dos anos finais do ensino fundamental, relacionadas às temáticas de saúde. Para tanto, buscou-se interferir no processo ensino-aprendizagem desenvolvido pelos/as mesmos/as, a partir da reflexão de seus próprios processos de trabalho, para a promoção da educação em saúde na escola.

Visando contribuir para a capacitação das participantes envolvidas, foi necessário conhecer as práticas educativas desenvolvidas por estas profissionais e desvelar suas perspectivas sobre a educação em saúde, durante as oficinas.

Para a confecção desta produção técnica, foram realizadas com as participantes do estudo, duas oficinas educativas, baseadas em metodologias ativas de ensino-aprendizagem e em propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e do Programa Saúde na Escola (PSE), que visam à formação integral do/a estudante.

A elaboração das atividades educativas e desse relatório foi norteada pela experiência descrita no livro “Oficinas em Dinâmica de Grupo na Área da Saúde”, organizado por Maria Lúcia Afonso (2015), publicações dos Ministérios da Saúde e da Educação e em artigos relacionados à utilização de oficinas e metodologias ativas como estratégias de ensino-aprendizagem.

Tais bibliografias nortearam a confecção de um roteiro, que serviu como um ponto de partida para o desenvolvimento das oficinas, visto que as mesmas não se constituem em um método pronto e estático, ao contrário, possibilitam a construção de conhecimentos, de forma que seus resultados podem ser diferentes, a depender da realidade de cada meio, no qual for aplicada.

Para tanto, partiu-se do pressuposto de que tais atividades apresentam potencial crítico, permitem a explanação de argumentos e posições, favorecem deslocamentos e a construção do conhecimento, a partir da realidade local e da reflexão das práticas. Esta

perspectiva, através da qual são compreendidas as oficinas, é compartilhada pelo referencial bibliográfico utilizado.

A oficina constitui-se em um trabalho estruturado em grupos, que busca enfatizar uma questão central, de acordo com um contexto social dos/as participantes, proporciona flexibilidade na proposta e independe do número de encontros. Assim, o grupo não se encaixa sempre em um formato homogêneo, pois está pautado no processo dialógico e participativo (AFONSO, 2015).

O trabalho educativo realizado em grupo, no formato de oficinas, possibilita o rompimento da relação vertical que existe entre os sujeitos envolvidos no modelo de educação tradicional, compondo-se em uma estratégia que permite a manifestação individual e coletiva das necessidades, expectativas e condições de vida que interferem na saúde (LACERDA *et al.*, 2013).

Bastos (2006, p. 10) define as metodologias ativas de ensino-aprendizagem como “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema”. Segundo esse autor, o ensino através do uso de metodologias ativas é um processo em que o/a professor/a atua como um mediador/a ou facilitador/a para que o/a educando/a reflita e decida o que fazer para solucionar situações cotidianas, com ênfase nas condições locais. Portanto, nesse cenário são identificados aspectos como a participação cidadã dos sujeitos interlocutores, a valorização de conhecimentos prévios e da realidade social, a autonomia, a reflexão e a criticidade do indivíduo, que favorecem a transformação de práticas.

Para Clemente e Moreira (2014), a utilização destas metodologias envolve a ressignificação dos papéis do/a educador/a e educando/a, para que haja o desenvolvimento da autonomia do/a aluno/a, através de diálogo e problematização da realidade. Assim, entende-se que as metodologias ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, considerando as experiências prévias, visando à solução de situação-problema em diferentes contextos.

De acordo com as autoras, através das metodologias ativas, são apresentados caminhos para a busca pela autonomia, sendo esta, uma característica essencial para a transformação da realidade, a partir do desenvolvimento da consciência crítica do sujeito. Desse modo, cabe ao/à professor/a, enquanto mediador/a nesse processo, despertar a motivação do/a aluno/a para a aprendizagem.

Freire (1983) afirma que a aprendizagem é estimulada pela resolução dos problemas e pela construção do conhecimento, a partir de saberes e experiências prévias dos indivíduos, o que converge com as propostas das metodologias ativas, que dão ênfase à problematização.

A prática problematizadora é um dos componentes essenciais para a construção de um processo educativo efetivo, ou seja, que contemple as atuais necessidades das populações. Aparece como uma alternativa metodológica que vem tentando se inserir no campo da educação em saúde, em sintonia com a concepção dialógica de Paulo Freire, que se baseia no diálogo, na reflexão crítica e na autonomia cidadã (FERNANDES; BACKES, 2010).

De acordo com Freire (1996), educação não se constitui em transferência de saber, mas em um encontro de sujeitos interlocutores que visam à significação dos saberes, através da comunicação, do diálogo. Para o processo de ensino-aprendizagem, verifica-se que esta linha de pensamento é culturalmente mais rica e produtiva.

Assim, as metodologias ativas, baseadas em práticas mais dialógicas e dinâmicas de ensino que estimulam a participação dos sujeitos, nortearam as oficinas realizadas, para instigar o pensamento crítico das professoras, proporcionando a reflexão sobre suas práticas didáticas e incentivando a busca por mecanismos para transformar a realidade.

Sob essa perspectiva, por meio das atividades e dinâmicas em grupo, aplicadas nas oficinas, houve estímulo na participação das professoras, de forma problematizadora, visando fortalecer suas práticas educacionais em saúde, conforme se descreve neste relatório.

O que eu ouço, eu esqueço; o que eu ouço e vejo, eu me lembro; o que eu ouço, vejo e pergunto ou discuto, eu começo a compreender; o que eu ouço, vejo, discuto e faço, eu aprendo desenvolvendo conhecimento e habilidade; o que eu ensino para alguém, eu domino com maestria.

SELBERMAN (1996, p. 83)

1. A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: PERSPECTIVAS E REALIDADES

1.1 Educação em saúde no contexto escolar brasileiro

De acordo com Tavares e Rocha (2006), apesar das escolas, por vezes, não se reconhecerem como responsáveis pela educação em saúde aos/às alunos/as, é inegável o seu papel relacionado à temática, em especial, por serem, historicamente, consideradas como um espaço propício para tal prática junto aos/às alunos/as, inclusive, estendendo-se ao ambiente familiar e comunitário através deles/as.

No Brasil, no início do século XX, a educação em saúde praticada nas escolas baseava-se na concepção higienista e visava o desenvolvimento de indivíduos saudáveis, a partir da observação e disciplina na infância, ou seja, as ações pedagógicas eram focadas na moral, na mudança de comportamentos e atitudes, sem considerar as reais condições de vida em que as crianças estavam inseridas (GONÇALVES *et al.*, 2008).

Ao longo do século XX, componentes técnicos e científicos vão sendo agregados a essa concepção biomédica e higienista, visando práticas de educação em saúde voltadas à promoção da saúde. No entanto, observa-se que o eixo moral, a modelagem de comportamentos e hábitos permanecem como um objetivo central nesse processo educativo (FIGUEIREDO *et al.*, 2010).

As práticas educativas em saúde, nas instituições escolares, estiveram presentes nos discursos oficiais a partir de 1989, porém, ainda centradas na tentativa de inculcar nos indivíduos, hábitos considerados saudáveis (GONÇALVES *et al.*, 2008).

A promoção da saúde amplia a concepção do termo “saúde”, anteriormente proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como a ausência de doença, em meados da década de 1950, e avança na compreensão da saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social (FRAGA *et al.*, 2013).

Na década de noventa, foi elaborado o documento “Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais, pelo Ministério da Educação e Cultura -MEC (Brasil, 1998), que propõem a implementação dos temas ‘ética’, ‘saúde’, ‘meio ambiente’, ‘orientação sexual’, ‘pluralidade cultural’, ‘trabalho e consumo’, na educação básica. Esses temas, a partir da sua formulação, devem ser abordados em todas as disciplinas do currículo escolar (BONFIM *et al.*, 2013).

Mais recentemente, o Programa Saúde na Escola (PSE), dos Ministérios da Saúde e Educação, foi instituído, em 05 de dezembro de 2007 e constitui-se numa nova política para a

educação em saúde, baseada na intersetorialidade. Dessa forma, por ser a escola, um espaço privilegiado para ações de prevenção de agravos e de doenças e promoção da saúde, a articulação entre escola e unidade de saúde é uma importante demanda desse programa (BRASIL, 2011a).

1.2 O professor de Ciências e as questões de saúde na escola

De acordo com Mohr (2002), tem sido atribuída, mais especificamente à disciplina de Ciências, a educação em saúde na escola, visto que há uma vinculação de tópicos de saúde aos conteúdos dessa disciplina, mesmo a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que propõem uma abordagem transversal da temática.

Porém, pesquisa realizada por Pedroso (2015), quanto ao enfoque da educação em saúde nas disciplinas ofertadas em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, verificaram-se dois tipos de abordagens: uma com enfoque tradicional, pautada em transmissão de conhecimentos técnicos referentes à saúde, como a prevenção de doenças, a qual apresentou maior destaque entre as disciplinas e, outra com ênfase mais contemporânea, baseada na construção de conhecimentos, discussões e reflexões sobre os conteúdos voltados à saúde, pouco desenvolvida nas disciplinas.

Quanto à formação continuada de professores de Ciências, com o tema saúde, há uma deficiência, bem como na formação inicial. Tal fato pode ser evidenciado com resultados como os obtidos no estudo realizado por Silva *et al.* (2017), em que, quando os/as professores/as entrevistados/as foram questionados sobre a realização de cursos de formação continuada com a temática saúde, a grande maioria respondeu não ter participado.

Dessa forma, o presente material se constitui em um instrumento a mais para auxiliar na formação continuada de professores/as de Ciências, para a promoção da educação em saúde no ambiente escolar.

1.3 Educação em saúde e cidadania

A educação em saúde nas escolas deve ser desenvolvida a partir de práticas que gerem transformações nas realidades de vida dos sujeitos, para que atuem no controle dos problemas de saúde, isto é, que ajam como cidadãos. Para tanto, a promoção da saúde coloca a educação como uma maneira de desenvolver a cidadania, para, então, fortalecer atitudes que melhorem as condições de vida na comunidade (BYDLOWSKI *et al.*, 2004).

As ações em educação e saúde devem considerar os diversos contextos sociais, para realizar o compartilhamento e construção de saberes prévios, influenciados pelas histórias individuais e coletivas, produzindo aprendizagens significativas. Desse modo, priorizando a participação de diversos interlocutores em práticas cotidianas, é possível vislumbrar uma escola que forma cidadãos críticos e informados, com capacidade para fazer escolhas em prol da sua qualidade de vida e que devem ser compreendidos pelos/as profissionais de Saúde da Família em suas atividades de cuidado (BRASIL, 2011a).

Entende-se a educação em saúde como um mecanismo para a promoção e proteção à saúde, bem como um importante fator para a conquista dos direitos de cidadania. O PSE se propõe a ser uma política de educação em saúde que visa à formação cidadã, que promove a articulação de saberes e a participação ativa de educandos/as, familiares e sociedade em geral, ao tratar a saúde e educação de forma integral (CARVALHO, 2015).

A participação cidadã dos indivíduos interlocutores no processo de construção do conhecimento, proposta pelo PSE, está contemplada entre as estratégias das metodologias ativas de ensino-aprendizagem, que nortearam a organização deste material.

“Seria uma agressiva contradição se, incapado e consciente do incapamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca”.

FREIRE (2000, p. 114)

2 DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS

Os roteiros dessas atividades educativas foram elaborados baseando-se nos momentos descritos por Afonso (2015) em relação à estrutura de oficinas, ou seja, contemplaram instantes de sensibilização, de informação e de construção em suas etapas, associando as informações com os conhecimentos e experiências prévias de cada participante do grupo.

Destaca-se que as oficinas foram elaboradas com base nos PCN, que propõem a introdução da “saúde” como um dos temas transversais a serem abordados em todas as disciplinas, na educação básica e, no PSE, que propõe a intersectorialidade entre educação e saúde. Também se apoiou nas concepções das metodologias ativas de ensino para construção e desenvolvimento das oficinas apresentadas.

Porém, cabe ressaltar que os PCN foram utilizados como um material de apoio para a confecção das atividades educativas, com algumas ressalvas, pois apesar de apresentar trechos com propostas inovadoras para a educação em saúde, mencionando sobre a formação integral do/a aluno/a, verificou-se que em outros momentos, se contradiz e aproxima-se do discurso higienista.

Isto pode ser observado, por exemplo, no momento em que o documento menciona que a criança traz consigo comportamentos relacionados à saúde, provenientes da família e outros grupos com os quais se relaciona, e quando elenca, dentre os seus objetivos, o de “conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva”, referindo-se à conformação de hábitos (BRASIL, 1997, p. 69).

Foram realizadas duas oficinas, com a presença de quatro integrantes em cada uma delas, sendo uma mediadora (pesquisadora) e três professoras de Ciências dos anos finais do ensino fundamental (participantes do estudo). No entanto, o fato de terem sido realizadas junto a um pequeno grupo, nas duas ocasiões, pareceu trazer algumas vantagens no decorrer do desenvolvimento, visto que as participantes demonstraram-se bastante desinibidas e confortáveis para participarem dos momentos propostos.

Clemente e Moreira (2014) acreditam que, nas atividades educativas realizadas com grupo menores, os/as integrantes tendem a sentirem-se mais à vontade para expressarem-se, facilita a observação dos membros pelo mediador/a e pelos/as demais integrantes do grupo, além de possibilitar que sejam trabalhadas as dificuldades dos/as participantes.

Dessa forma, sugere-se que, para a aplicação das oficinas aqui propostas, o público-alvo composto por muitos indivíduos, seja dividido em pequenos grupos, se possível, como

no caso de salas de aula com um grande número de alunos/as, no intuito de possibilitar maior participação do grupo e potencializar os resultados.

A configuração física e relacional utilizada para a organização do grupo foi o formato circular em ambas as ocasiões, para que as integrantes pudessem visualizar umas às outras e, então, proporcionar a comunicação entre todas as participantes. A mediadora (pesquisadora) não assumiu um lugar diferenciado, posicionando-se na configuração física do grupo, de forma que todas tivessem um papel ativo durante as atividades.

Além de gravadas, conforme autorização prévia das participantes, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), durante as oficinas foram realizadas anotações importantes, que subsidiaram a elaboração desse material.

Assim, a partir dessa experiência, descreve-se o desenvolvimento das oficinas, desde o seu planejamento até a execução, como uma sugestão a professores/as e profissionais de saúde que desejarem implementar como recurso na área de educação e saúde.

2. 1 Oficina I - Apresentando aspectos e elementos para incentivo de reflexão das práticas

Objetivos:

Promover discussão coletiva sobre alguns resultados da pesquisa “Professores de Ciências dos anos finais do ensino fundamental e as questões de saúde no currículo e na sala de aula”, para reflexão das práticas de ensino-aprendizagem;

Identificar aspectos na formação, que possam interferir nas práticas pedagógicas em sala de aula;

Apresentar conceitos e aspectos que se aproximam das propostas das metodologias ativas de ensino;

Identificar práticas desenvolvidas em sala de aula e possíveis alternativas para a superação do modelo tradicional de ensino-aprendizagem;

Proporcionar a aprendizagem de questões de saúde a partir de uma proposta de participação dos/as estudantes, através do uso de práticas de ensino baseadas nas metodologias ativas.

Metodologia:

Oficina norteada pela metodologia participativa-construtivista e baseada no processo dialógico.

Material:

<p>Quadro branco; Caneta para quadro branco; Folhas de papel em branco e impressos; Canetas.</p>
<p>Assuntos propostos: Apresentação de resultados mais relevantes referentes à pesquisa “Professores de Ciências dos anos finais do ensino fundamental e as questões de saúde no currículo e na sala de aula”; Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN); Programa Saúde na Escola (PSE); Metodologias Ativas como estratégias de ensino-aprendizagem.</p>
<p>Duração Prevista: Duas horas e quarenta e cinco minutos (2h45min.)</p>

1º Momento:

- Apresentação de cada membro do grupo;
- Realização de uma breve aula expositivo-dialogada sobre os aspectos que envolvem a formação cidadã do/a aluno/a, conforme proposto pelos PCN e pelo PSE, correlacionando às metodologias ativas, em relação ao ensino-aprendizagem de forma participativa.

Este momento mostrou-se necessário nessa primeira oficina, pois, a partir das entrevistas realizadas anteriormente com as professoras, que subsidiaram o desenvolvimento dessa atividade, verificou-se que a maior parte não tinha conhecimento sobre os PCN e PSE, essenciais para o entendimento do seu papel enquanto facilitadoras no ensino-aprendizagem de questões de saúde e formação integral do/a aluno/a.

Além disso, conforme relatos durante esta oficina, foi identificado que não haviam tido experiências anteriores de cursos de formação continuada que tivessem abordado sobre uso das metodologias ativas, demonstrando-se bastante interessadas no assunto.

2º Momento:

- Explicação de alguns dos resultados da pesquisa “Professores/as de Ciências dos anos finais do ensino fundamental e as questões de saúde no currículo e na sala de aula”.

Obs: Cabe ressaltar que, em futuras ocasiões, nas quais essa oficina seja utilizada para direcionar atividades educativas relacionadas à educação em saúde na escola, poderão ser

apresentados dados de outras pesquisas relacionadas ao tema e, não necessariamente, os resultados do estudo mencionado.

Os principais dados apresentados foram em relação à formação, conhecimentos e concepções de educação em saúde, dificuldades encontradas na abordagem de temáticas de saúde e materiais didáticos utilizados, aspectos considerados mais relevantes para reflexão sobre as práticas pedagógicas e, que foram abordados em atividades durante o decorrer das oficinas.

Durante a apresentação de alguns dos resultados mais relevantes do estudo citado, abriu-se espaço para a participação das professoras através de uma roda de conversa, buscando as experiências vivenciadas, de forma que se reconhecessem como parte do processo de transformação.

A discussão foi direcionada a partir da concepção problematizadora, sendo fomentada por alguns questionamentos norteadores, como por exemplo:

- Estamos fazendo parte de algo?
- Estamos contribuindo para algo? Como podemos contribuir?
- Como está a educação em saúde na escola?
- Minhas aulas estão contribuindo para a promoção da saúde?
- Que intervenções podem ser feitas nas aulas de Ciências para tornar a escola como um ambiente promotor de saúde?

Assim, as integrantes refletiram sobre a formação inicial e continuada de professores/as. Reconheceram a sua formação como sendo o principal elemento que dificulta uma educação em saúde significativa.

Foram mencionados aspectos que se cruzam com resultados obtidos nas entrevistas realizadas anteriormente à aplicação das oficinas, ou seja, identificaram que a formação inicial e continuada está deficitária em relação ao tema. Houve, inclusive, relatos sobre suas experiências enquanto acadêmicas, citando aulas com metodologias tradicionais, com pouca abordagem sobre educação em saúde.

Também fizeram um desabafo quanto à escassez na oferta de cursos de capacitação aos/as professores/as. Aquelas que mencionaram ter participado de formações continuadas anteriormente, completaram que não se recordam de nenhum que tenha sido voltada para as questões de saúde e muito menos, sobre novas metodologias de ensino.

3º Momento:

- Leitura e reflexão sobre os trechos transcritos a seguir:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 32).

Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo. (FREIRE, 1996, p. 26).

Foi entregue uma cópia impressa dos trechos acima a cada participante, para que refletissem e registrassem em uma folha, os pontos-chave que relacionassem os textos à promoção da saúde na escola. Em seguida, abriu-se para uma discussão no grupo.

As professoras trouxeram para o debate, pontos que foram apresentados às mesmas na aula expositivo-dialogada. Dessa forma, identificou-se a capacidade de correlacionarem aos trechos acima, importantes aspectos para a promoção da saúde na escola, como por exemplo, a participação do/a aluno/a no ensino-aprendizagem, a valorização dos conhecimentos prévios, a reflexão das suas práticas de ensino para transformação da realidade. Assim, esse momento reforçou a necessidade de pensarem sobre esses elementos e buscarem alternativas para a sua prática.

4º Momento:

- Explicação sobre o Arco de Magueréz;

- Proposta de atividade utilizando o Arco de Magueréz.

Após explicação sobre o Arco de Magueréz (ANEXO A), um dos recursos fundamentais da Educação Problematizadora, foi entregue uma cópia impressa do Arco esquematizado e solicitado que as professoras se reunissem e reproduzissem as etapas propostas pelo Arco, voltado para a educação em saúde nas aulas de Ciências.

Nesse sentido, foram orientadas a partirem da observação da realidade de uma sala de aula para: identificar problemas relacionados às práticas pedagógicas e elencar um deles para investigação (observação da realidade); refletir sobre fatores que são determinantes deste problema (pontos-chave); investigar cada um desses pontos que respondam ao problema (teorização); elaborar hipóteses de solução para o problema e fazer a aplicação de uma ou mais dessas hipóteses à realidade vivenciada.

Foi reproduzido o Arco pelas integrantes do grupo, utilizando a deficiência na formação inicial e continuada como o problema a ser investigado. Destacaram como pontos-chave que desfavorecem a educação em saúde na escola, as políticas de educação do país, a falta de investimento, por parte do governo, na formação inicial e na capacitação, o desinteresse de professores/as quanto à participação em cursos de formação continuada, a falta de parcerias com profissionais de saúde.

Dentre as hipóteses de solução e aplicação à realidade vivenciada foi citada a implementação de ações de capacitação, pelas direções das escolas, em parceria com universidades, como por exemplo, com coordenações de cursos da saúde para que acadêmicos/as possam abordar a temática aos/às professores/as. Também citaram a possibilidade de estabelecer parceria com profissionais das unidades de saúde públicas para auxiliarem na abordagem de temática aos/às alunos/as.

Assim como descrito em pesquisa realizada por Espiridião *et al.* (2017), o uso do Arco de Magueréz nessa oficina possibilitou reflexões que podem se reproduzir em boas práticas. Com o desdobramento dessa atividade, observou-se que este recurso foi enriquecedor, pois as participantes demonstraram-se engajadas, já que possibilitou, às mesmas, identificarem e refletirem na prática sobre problemas que dificultam a educação em saúde nas aulas, para que possam superá-los. Além disso, serviu como uma sugestão de atividade para ser aplicada aos/às seus/suas alunos/as.

Finalização da oficina:

- Entrega de uma folha para cada participante avaliar a oficina e realizar sugestões para o próximo encontro.

No geral, as integrantes do grupo relataram que esse primeiro encontro foi bastante dinâmico, as envolvendo a todo instante. Descreveram como uma experiência positiva e enriquecedora, que as auxiliou para realização de novas práticas visando à promoção da saúde na escola.

Nessa ocasião, não foram realizadas sugestões para o encontro seguinte.

SAIBA MAIS

Arco de Magueréz

De acordo com Prado *et al.* (2012), a Problematização é uma das maneiras elementares para a aplicação da metodologia ativa. Diverge do modelo de educação tradicional, pois não está pautada na transmissão de informações e na memorização, mas em modos que possibilitam a sua construção ativa, a partir de situações da realidade e na perspectiva dialógica (FREIRE, 2006).

O Arco de Maguerez, um dos caminhos utilizados para o Ensino Problematizador, inspirado em Paulo Freire, foi criado no século XX e passou a ser divulgado em 1977, através de Bordenave e Pereira (1989), porém, foi pouco aplicado, na época, pela área da educação.

O percurso de problematização do Arco de Maguerez prevê o desenvolvimento de cinco etapas, a partir da realidade que se pretende investigar: 1) Observação da realidade para identificação de um problema; 2) Levantamento dos pontos-chave que desencadeiam o problema elencado; 3) Teorização dos pontos-chaves para responder ao problema; 4) Construção de hipóteses de solução ao problema e 5) Aplicação à realidade (prática) (BORDENAVE, 2009).

2.2 Oficina II - Desenvolvendo caminhos para a transformação das práticas

Objetivos:

Favorecer a transformação de práticas pedagógicas nas aulas sobre saúde, a partir da reflexão das práticas;

Apresentar conceitos e aspectos que se aproximam das propostas das metodologias ativas de ensino para formação cidadã do/a aluno/a;

Proporcionar o reconhecimento como corresponsáveis na educação em saúde;

Apresentar recursos didáticos que possibilitam um ensino em saúde mais efetivo;

Incentivar a busca por parcerias com os serviços de saúde para a promoção da saúde na escola.

Metodologia:

Oficina norteada pela metodologia participativa-constructivista e baseada no processo dialógico.

Material:

Quadro branco;

Caneta para quadro branco;

Folhas de papel em branco e impressos;

Canetas; Notebook; Música; Vídeo.
Assuntos propostos: Formação cidadã; Recursos didáticos; Programa Saúde na Escola.
Duração Prevista: Duas horas e quarenta minutos (2h40min.)

1º MOMENTO – Dinâmica

- Foi solicitado às participantes que, após um curto exercício de relaxamento, se sentassem, fechassem os olhos, e voltassem no tempo para lembrar uma cena, retornando ao tempo de acadêmicas: estão em uma faculdade, em uma sala de aula onde cursaram Ciências Biológicas. O/a ex-professor/a está dando uma aula que envolve questões de saúde. Após alguns minutos, sugerir algumas indagações para ajudar os/as participantes a construir sua cena e orientá-los/as a se atentarem à metodologia de ensino utilizada por esse/a professor/a nessa cena.

Por exemplo:

- Com que roupa eu estou?
- Quem está sentado perto de mim?
- Como foi a aula?
- Quem é o professor ou professora? Dá aulas de qual matéria?
- Qual é o tema da aula?
- A aula está despertando meu interesse?
- Que reações estou tendo com a aula? E meus colegas?
- Estou achando que esta aula vai ser importante para minha vida? Por quê?
- Como foi a aula?

- Em seguida, foi solicitado às participantes que registrassem na memória e que fechassem a cena. Pediu-se para que todas voltassem para o tempo presente, ano 2018, para a sala onde havia uma oficina sobre “Educação em Saúde”.

- A roda foi aberta para que as participantes que desejassem, pudessem comentar e comparar

as cenas lembradas, reservando cerca de quinze minutos para esta etapa.

As participantes destacaram sobre as diferenças em relação às práticas pedagógicas utilizadas nas duas cenas. Em relação à cena que resgataram na memória, referiram-se a um modelo de educação mais tradicional, com abordagem de conceitos específicos, não se aprofundando na concepção de educação em saúde, diferentemente da proposta dessa oficina.

Além disso, houve discursos que demonstraram o reconhecimento da reprodução desse modelo de ensino tradicional, por parte das integrantes do grupo, possibilitando a transformação da realidade a partir da reflexão de práticas.

2º MOMENTO:

- Entrega de impressos contendo alguns conceitos transcritos abaixo:

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho justo, à saúde, a uma velhice tranqüila (PINSKY, 2008, p. 09).

Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. É a qualidade do cidadão de poder exercer o conjunto de direitos e liberdades políticas, socioeconômicas de seu país, estando sujeito a deveres que lhe são impostos. Relaciona-se, portanto, com a participação consciente e responsável do indivíduo na sociedade, zelando para que seus direitos não sejam violados (BRASIL, 2011b, p. 10).

- Leitura e reflexão sobre a letra da música “Sem saúde”, do cantor Gabriel “O Pensador”, disponível em: <https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/96124/> (ANEXO B).

Após essas duas etapas, buscou-se, a princípio, fomentar uma discussão sobre o papel do/a educador/a nesse contexto de formação do/a cidadão/ã, através dos questionamentos norteadores:

- Você se percebe como parte do processo de formação cidadã do/a estudante?
- Se sim. Qual seu papel nesse processo?
- De que forma você pode contribuir?
- Em seguida, após instigar a reflexão sobre o papel do/a educador/a para a formação integral do/a aluno/a, foi lançada a indagação:
 - De que forma podemos relacionar esses conceitos com a letra da música apresentada?
 - Essa discussão mostrou-se bastante significativa, pois demonstrou alcançar a ideia

proposta quando se incluiu esta atividade, no momento da elaboração dessa oficina.

O debate evidenciou o reconhecimento como corresponsáveis no processo de formação cidadã do/a estudante, além de relacionarem os conceitos apresentados e a letra da música com o fato da responsabilidade, enquanto educadoras, de preparar o/a discente para cumprir com suas obrigações, bem como estarem aptos/as a exigirem seus direitos, inclusive em relação às melhorias nas condições de serviços de saúde.

3º MOMENTO:

- Entrega de um texto (ANEXO C) para leitura individual e posterior debate no grupo.

Foram lançadas algumas questões para nortear a discussão:

- A visão apresentada no texto corresponde às experiências vivenciadas? Quais são as semelhanças e diferenças?
- Nossas experiências locais de ação intersetorial têm sido marcadas por dificuldades?
- Que estratégias podemos usar para estabelecer parcerias com profissionais de saúde?
- A análise das experiências que tivemos e a discussão do texto podem nos ajudar a planejar nossas ações de educação em saúde nos dias de hoje? Como?

A partir da leitura e debate sobre o texto, houve discursos que evidenciaram o reconhecimento de que a principal causa para o não estabelecimento de parcerias foi o desconhecimento sobre o PSE. No entanto, demonstraram-se engajadas no propósito de cumprirem essa condição de intersetorialidade proposta pelo programa, desde o encontro anterior, no qual, o mesmo foi apresentado.

4º MOMENTO

- Apresentação do vídeo “Saúde na Escola”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OsnorIgJWbM>.

O intuito dessa atividade foi, além de reforçar sobre o PSE, dar ênfase ao uso de recursos didáticos, como formas de fomentar o ensino-aprendizagem.

Finalização da oficina

- Foi disponibilizada uma folha para cada participante avaliar a contribuição das oficinas no planejamento de ações e práticas para o ensino em saúde.

Foi citado o estímulo ao aprendizado contínuo, a experiência enriquecedora da troca de saberes, a compreensão do/a aluno/a enquanto protagonista do aprendizado.

2.3 Resultados das oficinas

Destaca-se que os resultados destas oficinas podem ser semelhantes, bem como, divergirem daqueles encontrados em outra ocasião, na qual estas atividades forem aplicadas, pois, como dito anteriormente, não se tratam de uma receita pronta e irão se desenrolar de acordo com a realidade de cada grupo participante.

No decorrer de seu desenvolvimento, as oficinas evidenciaram que, através das atividades aplicadas, as participantes se apropriaram de alguns elementos essenciais para a promoção de uma educação em saúde efetiva, o que possibilitou um processo reflexivo sobre a realidade de suas experiências pedagógicas em sala de aula, para que haja transformação de práticas, o que pode ser demonstrado através de colocações como nos seguintes discursos: “Agora eu fico refletindo nas possibilidades que eu tenho pra transformar o que eu tava fazendo até aqui” (Professora A), “Aprendi na minha formação, que o aluno é aquele que vem pra escola, senta e escuta, mas na verdade, agora eu vejo que o estudante é aquele que tem que se tornar protagonista do seu conhecimento” (Professora B).

As educadoras demonstraram-se encorajadas a utilizarem a pedagogia problematizadora como estratégia em suas aulas sobre saúde, pois reconheceram a necessidade de mudança de suas práticas.

As professoras se demonstraram engajadas na realização de novas ações, o que pode ser constatado através de ideias que surgiram durante as oficinas e que foram compartilhadas com o grupo, como por exemplo, o desenvolvimento de programas e projetos cujo objetivo é a promoção e proteção da saúde nas escolas.

Essas atividades educativas também proporcionaram a abertura de um espaço para atividades intersetoriais com outros serviços, o que foi constatado a partir de relatos de integrantes, no segundo encontro, de que haviam feito contato com profissionais de saúde, com propostas de parcerias para ensino-aprendizagem de temas de saúde aos/às discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as ações pedagógicas relacionadas à interação saúde/educação, estas ainda se constituem como um desafio frente às demandas das escolas e, considera-se pertinente chamar atenção para a necessidade de cursos de formação continuada para professores/as da educação básica de ensino, em relação à educação em saúde, pois, frequentemente, atuam apenas com base nos moldes em que foram formados/as, carecendo que se apropriem para além de sua graduação, de conhecimentos e, especificamente, das metodologias que podem favorecer a promoção da saúde na escola, o que exige uma postura de eterno/a aprendiz.

Nesse sentido, vislumbra-se uma perspectiva de que as propostas metodológicas apresentadas neste material possam ser incorporadas na intencionalidade e no modo de ser do/a educador/a. Assim, espera-se poder contribuir para o desenvolvimento de práticas norteadas pelo diálogo e pela problematização das situações cotidianas, nos diferentes contextos, visando à autonomia dos/as alunos/as em relação às questões de saúde.

Diante desse contexto, com características bastante distintas do modelo tradicional de ensino-aprendizagem, esse relatório foi elaborado para demonstrar propostas cujos princípios metodológicos exigem, do/a professor/a, uma ressignificação do seu papel e o desenvolvimento de novas práticas e novos saberes, a partir da reflexão de sua ação.

O caminho percorrido desde a elaboração e desenvolvimento das oficinas até a construção dessa produção técnica que as descreve, contribuiu de forma enriquecedora para a experiência profissional da pesquisadora, visto que a educação em saúde é destaque dentre as atribuições dos/as profissionais de saúde da atenção básica, em especial no trabalho da enfermagem, afinal, cuidar e educar não podem ser dissociados. Possibilitou a análise crítica da atuação profissional e do papel de educadora, enquanto enfermeira, além de incentivar a busca por parcerias com escolas, no atual trabalho em Estratégia Saúde da Família (ESF).

Assim, espera-se que este trabalho possa ser disseminado e utilizado pelos setores da educação e da saúde, como uma contribuição efetiva desta pesquisadora e do Mestrado de Ensino em Saúde, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. **Oficinas em Dinâmica de grupo na área da saúde**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2015.

BASTOS, Celso da Cunha. C. Metodologias ativas. **Educação e Medicina**. 2006. Disponível em: <<http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BONFIM, Alexandre Maia do; ANJOS, Maylta Brandão dos; FLORIANO, Marcio Douglas; FIGUEIREDO, Carmen Simone Macedo; SANTOS, Denise Azevedo dos; SILVA, Carolina Luiza de Castro da. Parâmetros Curriculares Nacionais: uma revisita aos temas transversais meio ambiente e saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**. v. 11, n. 1, p. 27-52. Jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v11n1/a03v11n1.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino aprendizagem**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

BORDENAVE, Juan Díaz. El método del arco: una forma de hacer educación. **Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales**. v. 5, n. 2, p. 9-24. Dez. 2009. Disponível em: <<http://revistacientifica.uaa.edu.py/index.php/riics/article/view/51/51>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministérios da Saúde e Educação. **Passo a passo do Programa Saúde na Escola (PSE): tecendo caminhos da intersectorialidade**. Secretaria de Atenção à Saúde: departamento de Atenção Básica. Brasília, DF, 2011a.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **Direitos do Cidadão**. Brasília, 2011b. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-humanos/cartilha-direitos-do-cidadao-volume-ii>>. Acesso em 30 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde e Educação. **Saúde na Escola**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OsnorIgJWbM>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

BYDŁOWSKI, Cynthia Rachid; WESTPHAL, Márcia Faria; PEREIRA, Isabel. Maria Teixeira Bicudo. Promoção da saúde. Porque sim e porque ainda não! **Saúde e sociedade**. v. 13, n. 1, p. 14-24, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/03.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

CARVALHO, Fábio Fortunato Brasil. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. v. 25, n. 4, p. 1207-1227. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n4/0103-7331-physis-25-04-01207.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

CLEMENTE, Selma Maria Martins; MOREIRA, Elisângela Cláudia de Medeiros. Metodologias ativas e problematizadoras para a educação na área da saúde: um caminho para a autonomia do educando. **Revista Marupiira-Uepa**. v. 1, p.1-14. 2014. Disponível em: <<http://www.paginas.uepa.br/seer/index.php/marupiira/article/view/435/391>>. Acesso em: 23 jun 2018.

ESPIRIDIANO, Elizabeth; SOUZA, Adrielle Cristina Silva; CAIXETA, Camila Cardoso; PINHO; Eurides Santos, NUNES, Fernanda Costa. Arco de Maguerez: estratégia de metodologia ativa para coleta de dados. **Investigação Qualitativa em Saúde**. v. 2. 2017. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1279>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FERNANDES, Maria Clara Porto; BACKES, Vânia Marli Schubert. Educação em saúde: perspectivas de uma equipe da Estratégia Saúde da Família sob a óptica de Paulo Freire. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília. v. 63, n.4, p. 567-73. Jul./ago. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n4/11.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FIGUEIREDO, Túlio Albeto Martins; MACHADO, Vera Lúcia Taqueti; ABREU, Margaret Mirian Scherrer A saúde na escola: um breve resgate histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 397-402, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15n2/v15n2a15.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FRAGA, Alex Branco; LOPES, Aline Cristine Souza; PINTO, Ana Lúcia Souza; GOSCH, Cristiane Escolari; CRUZ, Danielle Keylla Alencar; MALTA, Deborah Carvalho; CARVALHO, Fábio Fortunato Brasil de; Fernandez, JUAN Carlos Aneiros; JAIME, Patrícia Constante; MENDES, Rosilda. **Curso de extensão em promoção de saúde para gestores do SUS com enfoque no Programa Academia da Saúde**. Brasília: CEAD/UnB, 2013. 144 p. Disponível em: <<http://portal.arquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/novembro/04/Livro-EaD---Promo----o-da-Sa--de---Academia-da-Sa--de.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 85.

_____, Paulo. **A educação na cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à Prática Educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

_____, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GONÇALVES, Fernanda Denardin; CATRIB, Ana Maria Fontenele; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de souza A promoção da saúde na educação infantil. **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu. v.12, n.24, p. 181-192,

Jan./Mar., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n24/13.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

LACERDA, Adriana Bender Moreira de; SOARES, Vânia Muniz Néquer; GONÇALVES, Cláudia Giglio de Oliveira; LOPES, Flávia Conceição; TESTONI, Ricardo. Oficinas educativas como estratégia de promoção da saúde auditiva do adolescente: estudo exploratório. **Audiol. Commun. Res.** v. 18, n. 2, p. 85-92. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/acr/v18n2/06.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

MOHR, Adriana. **A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências**. 2002. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências da Educação, UFSC. Florianópolis: 2002.

PEDROSO, Iasmine. **A formação inicial de professores de ciências e biologia no campo da educação em saúde na escola: análise dos currículos de licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC**. 2015. 149f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/157343/336410.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

PINSKY, Jaime. **História da cidadania**. 4 Ed. 1ª impressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADO, Marta Lenise do; VELHO, Manuela Beatriz; ESPÍNDOLA, Daniela Simoni; SOBRINHO, Sandra Hilda; BACKES, Vania Marli Schubert. Arco de Charles Maguerez: Refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem**. v. 16, n. 1, p. 172-177. Jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n1/v16n1a23.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

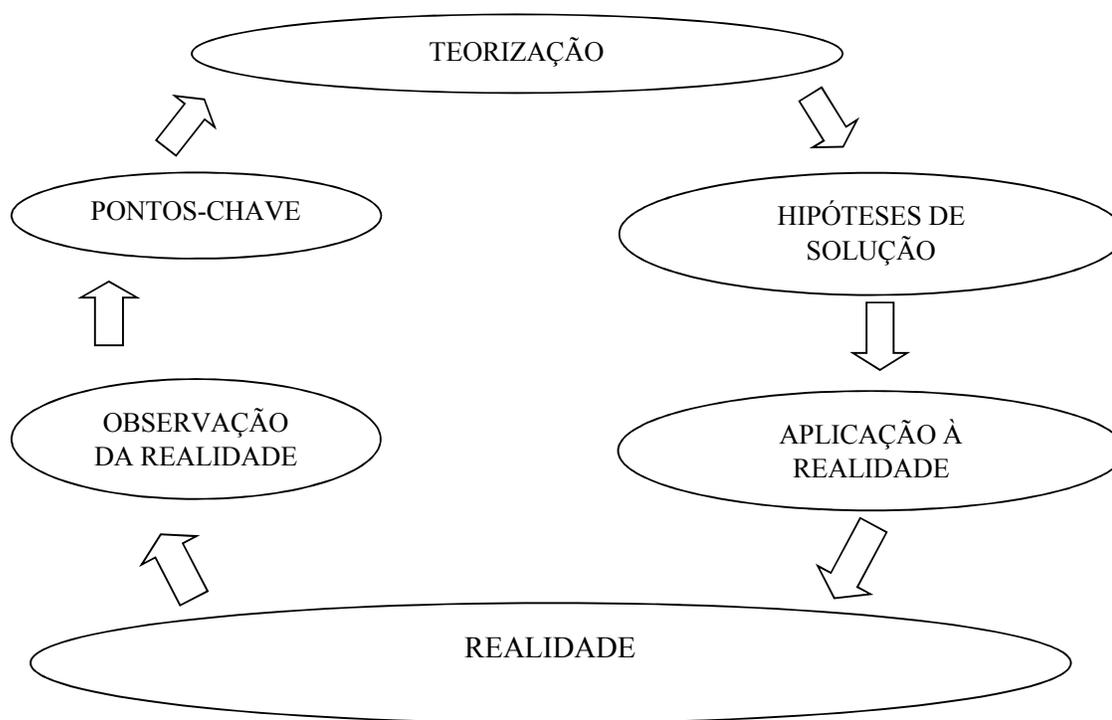
SIELBERMAN, Mel. **Active learning: 101 strategies do teach any subject**. Massachusetts: Allynand Bacon, 1996.

SILVA, Rubia Patrícia Noronha; LARA, Simone; COPETTI, Jaqueline; LANES, Karoline Goulart; SOARES, Max Castelhana. Concepções de professores sobre os processos de educação em saúde no contexto escolar. **Contexto & Educação**, v. 32, n. 103, p. 146-164. Set/dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6563>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

TAVARES, Maria de Fátima Lobato; ROCHA, Rosa Maria. Promoção da Saúde e a Prática de Atividade Física em Escolas de Manguinhos – Rio de Janeiro. BRASIL. Ministério da Saúde. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil. Brasília: **Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde**, 2006. 272p. (Série Promoção da Saúde, n. 6).

VALADÃO, Marina Marcos. **Saúde na escola: um campo em busca de espaço na agenda intersetorial**. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo: 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Arco de Maguerez

FONTE: Adaptado de BORDENAVE, Juan Díaz. El método del arco: una forma de hacer educación. **Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales**. 2009

ANEXO B – Letra da música “Sem Saúde” do cantor Gabriel O pensador

Pelo amor de Deus alguém me ajude!
Eu já paguei o meu plano de saúde
mas agora ninguém quer me aceitar
E eu tô com dô, dotô, num sei no que vai dá!
Emergência! Eu tô passando mal
Vô morrer aqui na porta do hospital
Era mais fácil eu ter ido
direto pro Instituto Médico Legal
Porque isso aqui tá deprimente, doutor
Essa fila tá um caso sério
Já tem doente desistindo de ser atendido
e pedindo carona pro cemitério
E aí, doutor? Vê se dá um jeito!
Se é pra nós morrê nós qué morrê direito
Me arranja aí um leito que eu num peço mas nada
Mas eu num sou cachoro pra morrer na calçada
Eu tô cansado de bancar o otário
Eu exijo pelo menos um veterinário

Me cansei de lero lero
Dá licença mas eu vou sair do sério
Quero mais saúde
Me cansei de escutar...

"Doutor, por favor, olha o meu neném!
Olha doutor, ele num tá passando bem!
Fala, doutor! O que é que ele tem!?"
- A consulta custa cem.
"Ai, meu Deus, eu tô sem dinheiro"
- Eu também! Eu estudei a vida inteira pra ser doutor
Mas ganho menos que um camelô
Na minha mesa é só arroz e feijão

Só vejo carne na mesa de operação
Então eu fico 24 horas de plantão
pra aumentar o ganha pão
Uma vez, depois de um mês sem dormir,
fui fazer uma cirurgia
E só depois que eu enfiei o bisturi
eu percebi que eu esqueci da anestesia
O paciente tinha pedra nos rins
E agora tá em coma profundo
A família botou a culpa em mim
E eu fiquei com aquela cara de bunda
Mas esse caso não vai dar em nada
Porque a arma do crime nunca foi encontrada
O bisturi eu escondi muito bem:
Esqueci na barriga de alguém

Me cansei de lero lero
Dá licença mas eu vou sair do sério
Quero mais saúde
Me cansei de escutar...

Socorro! Enfermeira! Urgente!
Tem uma grávida parindo aqui na frente!
...Ninguém me deu ouvidos
E eu dei um nó no umbigo do recém-nacido
Mas o berçário tá cheio então eu fico
com o bebê no meu colo aqui no meio da rua
E lá dentro o doutor tá botando o paciente no colo:
- "Por favor, fique nua!"
"Quê isso doutor?! Tem certeza?"
- "Confie em mim. É terapia chinesa. Tira a roupa!"
"Mas é só dor de dente"
- "Então abre a boca! (Ahhh) Beleza!"
"Ai, doutor, tá doendo!"

- "É isso mesmo, o que arde cura"

"Não! Pára! Não! Pára doutor! Não pára, doutor! Ai... Que loucura!!!)

- "Pronto, passou, tudo bem.

Volta na semana que vem!"

Ela vai voltar pra procurar o doutor

Essa vai voltar, pode escrever!

Mas só daqui a nove meses,

com um filho da consulta na barriga querendo nascer

Me cansei de lero lero

Dá licença mas eu vou sair do sério

Quero mais saúde

Me cansei de escutar...

Que calamidade!

Dos bebês que nascem virados pra lua

e conseguem um lugar na maternidade

A infecção hospitalar mata mais da metade

E os que sobrevivem e não são sequestrados

devem ser tratados com todo o cuidado

Porque se os pais não tem dinheiro pra pagar hospital

uma simples diarreia pode ser fatal

- "Come tudo, meu filho, pra ficar bem forte"

"Ah, mãe! Num aguento mais farinha!"

- "Mas o quê que tu quer? Se eu num tenho nem talher?"

"Pô, faz um prato diferente, maínha!"

- "Eu ia fazer a tal da 'autopsia'

mas eu não tenho faca de cozinha!!"

Tá muito sinistro! Alô, prefeito, governador, presidente, ministro, traficante, Jesus Cristo, sei lá...

Alguma autoridade tem que se manifestar!

Assim num dá! Onde é que eu vou parar?

Numa clínica pra idosos? Ou debaixo do chão?

E se eu ficar doente? Quem vem me buscar?

A ambulância ou o rabeção?

Eu Tô sem segurança, sem transporte, sem trabalho, sem lazer

Eu num tenho educação, mas saúde eu quero ter

Já paguei minha promessa, não sei o que fazer!

Já paguei os meus impostos, não sei pra quê?

Eles sempre dão a mesma desculpa esfarrapada:

"A saúde pública está sem verba"

E eu num tenho condições de correr pra privada

Eu já tô na merda.

ANEXO C – Texto Adaptado

Saúde-educação: uma história dessa parceria

Na história da Saúde Escolar consolidou-se a ideia de que os programas e ações que dizem respeito aos “escolares” incluem-se entre as responsabilidades da escola e do/a professor/a.

As questões da Saúde, assim como outros tantos temas de natureza social, passaram a ser continuamente agregadas ao projeto educativo ou ao currículo de fato, muitas vezes de forma desarticulada, competitiva ou mesmo contraditória. Uma “chuva” de novas demandas - prevenção do uso indevido de drogas, aprendizagem de procedimentos de higiene bucal, informação das regras de trânsito, prevenção das DST/Aids - atinge a escola. Isso gerou uma ampliação constante de expectativas em relação à escola e ao/à educador/a e, ao mesmo tempo, levou a um aumento do desapontamento e descrédito em relação aos/às professores/as e à instituição escolar, de quem tudo se espera.

Hoje, muita gente questiona a falta de abertura da escola para o trabalho com as questões importantes para a sociedade, com o argumento de que a escola deveria destinar mais espaço para os temas chamados “extracurriculares”, como se “currículo” significasse apenas uma lista de matérias. Na realidade, muitos professores e professoras estão incorporando sistematicamente novas dimensões ao seu papel tradicional, mesmo que em caráter voluntário ou “extracurricular”, pois as questões sociais invadem a escola. O problema é que isso ocorre, frequentemente, na forma de uma incorporação desorganizada ao currículo, sem um correspondente projeto cultural-pedagógico.

Ao invés de levar à soma, essa forma de “intersectorialidade” na qual a escola é tratada como “depositária” de programas construídos por outros/as profissionais e instituições, tornou-se uma fonte importante de conflito entre os sistemas e profissionais da educação e da saúde. O/a professor/a, responsabilizado/a por triagens e ações preventivas típicas dos programas de saúde, termina por receber críticas de que gera demanda “indevida” para o sistema de saúde e “medicaliza” sua incompetência para cumprir a tarefa educativa. O resultado mais visível dessa polêmica é um descrédito mútuo e a certeza de que, afinal, o problema está no/a aluno/a e/ou em sua família.

Para que permita a construção de algo novo, a parceria entre Educação e Saúde precisa ser um espaço de solidariedade no enfrentamento dos problemas e dos conflitos internos aos

setores da educação e da saúde. Isto requer um empenho transformador e o apoio recíproco nas tentativas de mudança e superação dos modelos já esgotados.

Sem dúvida, a escola é um cenário importante na vida das pessoas que nela estudam e trabalham e a saúde é parte da experiência cotidiana de ser, aprender, viver e conviver. Se a saúde é construída na vida cotidiana, é necessariamente uma dimensão inerente ao dia-a-dia da experiência escolar. Nesse sentido, a escola é um cenário importante para a promoção da saúde porque nela, alunos/as, pais, professores/as e demais profissionais da educação permanecem e convivem. Por isso é preciso valorizar o potencial da escola para promover a saúde no espaço físico, nas formas de organização do currículo, na convivência cotidiana.

A escola tem seus méritos e responsabilidades na promoção da saúde e não se torna mais saudável a partir de uma delegação externa. Torna-se mais saudável na medida em que se torna uma instituição presente, relevante e integrada num determinado território, capaz de influir nas condições de vida que geram saúde ou que aumentam a vulnerabilidade das pessoas e grupos sociais às doenças. Em poucas palavras, a escola que mais contribui para a melhoria da situação de saúde da população é uma escola de qualidade.

Para que a escola possa promover a saúde talvez seja necessário, antes de mais nada, que ela deixe de ser entendida e responsabilizada como única instituição social adequada para acolher, promover a saúde, prevenir agravos e, inclusive, educar crianças e adolescentes. É indispensável reconhecer que a educação é parte do dia-a-dia da prestação de serviços de saúde. É indispensável, também, articular as políticas de saúde na escola às discussões sobre o papel a ser desempenhado pela mídia, pelos demais espaços – públicos e privados - de convivência de adolescentes e jovens, um conjunto necessariamente integrado de campos de ação, que se complementam e produzem mútuas influências.

Segundo esta forma de ver a questão, o sucesso da parceria entre saúde e educação depende de nosso empenho em superar, por um lado, a antiga visão da escola e da comunidade escolar como objetos - e do/a professor/a como instrumento de prestação da atenção primária em saúde. Por outro lado, é necessário superar a ideia de que é inviável, para o setor saúde, acolher a população “em idade escolar”, o que justificaria o repasse de parte da execução de suas tarefas, sejam educativas, preventivas ou de prestação de ações de assistência, para os profissionais da educação. Em resumo, a ampliação do impacto das políticas públicas de promoção da saúde das populações escolarizadas precisa apoiar-se na soma das contribuições dos setores saúde e educação, e não na economia de direitos, profissionais e serviços.

Em diversas experiências realizadas no Brasil e em outros países, esses desafios vêm sendo superados por meio de um trabalho inovador e integrado. Entretanto, os problemas apontados nesse texto são associados a uma cultura típica da antiga Saúde Escolar, que tendemos a reproduzir automaticamente mesmo sem termos consciência desse fato. Por isso, a reflexão crítica sobre esse tema é sempre oportuna, mesmo nas situações em que essa cultura vem sendo transformada na prática.

Adaptado de VALADÃO, Marina Marcos. **Saúde na escola: um campo em busca de espaço na agenda intersetorial**. 2004. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. 2004.